

GEODIVÓRCIO

NUNO R.



GEODIVÓRCIO

Texto de Nuno R.

vaalb.org

[Perfil no Goodreads](#)

Capa de Nuno R.

a partir de imagem de uso livre de: [Elena Mozhvilov](#)

História escrita em 2014 de um livro de contos nunca publicado.

Antes do fim, foram ao globo. Entraram na sala, caminhando próximos. Os dedos de um tocando os dedos do outro, amenizando o balancear dos braços correspondentes. Resistiam a dar-se as mãos enquanto avançavam até chegarem ao simulacro da Terra.

Apertaram-se as mãos como procurando a certeza que ainda não tinham segurando a força um do outro, não se olhando ainda. A mão restante, espalmaram-na no identificador do seu lado, que lhes leu a impressão das palmas.

Olharam-se então. Largaram as mãos e foram para os seus locais. Afastaram-se. Cada um olhou o ponto luminoso que lhe correspondia.

Ponto azul. Costa Rica.

Ponto vermelho. Timor.

O globo terrestre, um holograma a três dimensões à sua frente, começou a girar.

Rodava o simulacro esférico, no sentido do passado.

Olhavam e viam números.

A data.

Ano. Mês. Dia. Hora. Segundos.

Dizem a palavra em unísono e o software é acionado.

“Divórcio.”

Uma vertigem em direção ao início.

O holograma girou, numa aceleração fantástica.

Olharam-se, como para reconhecer o espanto um do outro. Ou para terem a certeza de ainda ali estarem, na mesma viagem ao passado.

(...)

A Terra desacelerou até à imobilidade.

Começou a piscar o ponto azul, na Costa Rica.

O tempo avançou, já no sentido do presente.

Agora a Terra tem um contorno de luz. Está dividida em dois hemisférios. A noite e o dia.

Passado um ano, minutos no simulacro, começou a piscar o ponto vermelho em Timor.

Cada um via o seu ponto agora.

À medida que a Terra holográfica girava, cada ponto deixava um rasto de luz. Rasto vermelho. Rasto azul. Terra riscada de vermelho. Terra riscada de azul.

Os equinócios e os solstícios vinham e passavam. Alterava-se o limite entre a sombra e a luz, como uma afirmação da ausência do sol, que ali não era senão sugerido pela sua ação na terra.

Anos passavam em minutos. Muitos minutos em muito poucos segundos.

Ao 23º ano, na Ilha de São Miguel, o ponto azul e o ponto vermelho convivem na proximidade um do outro. Até que coincidem em púrpura.

Olham a cor diferente e não querem, ali na mesma sala, reconhecer nos olhos um do outro reflexos de uma tonalidade que já não existe.

Anos avançam.

A superfície do planeta é riscada.

Uma relação, por breves anos, vive uma arritmia de púrpura, de intervalos de azul e vermelho, num mesmo espaço do planeta. Para dar lugar de novo a duas cores.

Vermelho e azul avançam em locais diferentes.

São Paulo.

Açores.

Até que, uma hora/segundo antes da entrada na sala, volta a existir púrpura no simulacro.